IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

DEEP NUDES: O NOVO FLAGELO EPISTÊMICO

Eixo Temático INTERSECCIONALIDADES NA AMÉRICA LATINA: Raça, Classe, identidade de gênero e sexualidades entre memórias e trajetórias

Thiago Gomes Marcilio[1]

RESUMO

O envio de nudes, sob a ótica foucaultiana, cumpre três funções: produção de sexualidade, denúncia e punição. Com o deepnude, IA que gera imagens sintéticas de nudez, essas funções mudam: mantém a punição, mas elimina a denúncia, pois a imagem não é capturada pela pessoa retratada. Além disso, torna-se ferramenta de dominação sobre corpos não brancos. À medida que dados sintéticos superam os reais, estruturam conhecimento e poder, consolidando a hegemonia do corpo branco. Este, ao ser exposto, não é transgressor, mas vítima, reafirmando seu status universal. O deepnude reforça a colonialidade do poder, apagando corpos racializados e perpetuando uma lógica de exclusão epistêmica.

Palavras-chave: deepnude, Dado sintético, Dominação Epistêmica, Sexualidade, Colonialidade.

INTRODUÇÃO

Com o advento da internet e dos smartphones, essa prática tornou-se mais acessível e difundida, permitindo o envio instantâneo de imagens pessoais de nudez que pode ser analisado sob a ótica foucaultiana, cumprindo três funções principais:

---

[1] Thiago Gomes Marcilio: Mestre em Filosofia do Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Bacharel em Direito pela Universidade de Mogi das Cruzes (UMC). Pós-graduado em Direito Digital e Inovação pela Escola Superior da Procuradoria Geral do Estado de São Paulo. Pesquisador do Centro de IA (C4AI-USP-IBM-FAPESP) e do Ethics4AI do Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IDP) . Membro da Comissão de Privacidade, Proteção de Dados e IA da OAB-SP. Advogado inscrito na OAB-SP. E-mail: tgm.marcilio@gmail.com

Sendo (1) produção de sexualidade; (2) denúncia do indivíduo; e (3) punição indefinida. Essa dinâmica remete ao conceito de panóptico, onde o corpo nu é continuamente observado, julgado e disciplinado (MARCILIO, 2019, p. 291).

Com o avanço da tecnologia, surgiu o fenômeno dos *deepnude* (DN), imagens falsas que retratam indivíduos nus, geradas por meio de Inteligência Artificial (IA). Essas imagens são criadas utilizando técnicas de IA generativa, que permitem a produção de conteúdos inéditos, como textos, imagens e vídeos, a partir de dados existentes. O DN utiliza algoritmos para remover digitalmente as vestimentas de uma pessoa em uma fotografia, criando uma representação artificial de nudez. Trata-se de um tipo de "dado sintético" que, uma vez gerado, pode ser reprocessado pela IA para aprimoramento ou modificação.

A proliferação dos DN trouxe à tona preocupações legais e éticas, levando à proposição de medidas legislativas para coibir sua produção e disseminação. No Brasil, destacam-se dois projetos de lei: o PL 3821/2024 (BRASIL, 2024a, s/n), que criminaliza a manipulação, produção ou divulgação de DN com a finalidade de humilhar, intimidar ou constranger, prevendo pena de reclusão de dois a seis anos e multa; e o PL 370/2024 (BRASIL, 2024b, s/n), que altera o Código Penal para estabelecer causa de aumento de pena no crime de violência psicológica contra a mulher quando praticado com o uso de IA ou outro tecnologia que altere imagem ou som da vítima. Este último já se encontra pronto para sanção presidencial.

Neste ponto é que se supõe que o deepnude pode cumprir outras funções quando analisado pela ótica da questão racial, pois a geração de imagens de pessoas brancas pode enviesar os modelos e contribuir para um processo de invisibilização colonial. Para tratar do tema o referencial teórico desta pesquisa articula os estudos de Michel Foucault sobre episteme e regimes de verdade com as críticas decoloniais de Frantz Fanon e Aníbal Quijano. A partir de Foucault, examina-se a produção do saber com estrutura de poder que define o que é verdadeiro em determinados contextos históricos. Fanon contribui com a análise da racialização do desejo pelo corpo branco no imaginário colonial, enquanto Quijano oferece o conceito de colonialidade do poder para compreender como essas hierarquias são reproduzidas no presente, inclusive por meio da inteligência artificial.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada nesta pesquisa consistiu na análise qualitativa de textos teóricos fundamentais sobre colonialidade, subjetividade racializada e IA. A obra *Pele negra, máscaras brancas* (FANON, 2008) foi examinada para construção do diálogo entre tecnologia e o desejo pelo corpo branco no imaginário do sujeito colonizado. Paralelamente, foram consultados relatórios recentes da Epoch AI (VILLALOBOS et al., 2024; SEVILLA et al., 2024) sobre o uso de dados sintéticos no treinamento de modelos de IA. O cruzamento dessas fontes permitiu uma abordagem crítica e interseccional, articulando epistemologia decolonial e ética da tecnologia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1-CRISE DOS DADOS NATURAIS

A crescente demanda por dados para o treinamento de IA tem levado ao consumo de dados naturais em um ritmo que supera sua produção. Estima-se que o estoque total de textos públicos gerados por humanos seja de aproximadamente 300 trilhões de tokens. Mantendo-se as tendências atuais, os modelos de IA podem esgotar esse estoque entre 2026 e 2032 (VILLALOBOS et al., 2024). Diante desse cenário, a criação e utilização de dados sintéticos emergem como soluções para suprir a necessidade crescente de dados.

Os dados sintéticos são gerados artificialmente por algoritmos de IA para replicar as características estatísticas dos dados reais, o que permite a expansão dos conjuntos de dados e a criação de cenários diversificados e controlados viabilizando a generalização dos modelos treinados (SEVILLA et al., 2024).

À medida que esses dados superam os dados reais em volume, eles se tornam sistêmicos, estruturando a produção de conhecimento e poder. Isso pode resultar em modelos que amplificam vieses presentes nos dados sintéticos, especialmente se esses vieses não forem identificados e mitigados adequadamente durante o processo de geração (SEVILLA et al., 2024). Além disso os modelos de geração de imagens, tendem a ser treinados com base em grandes volumes de imagens disponíveis online.

Essas imagens frequentemente refletem padrões hegemônicos — como a predominância de corpos brancos em contextos midiáticos, publicitários e estéticos —, a IA acaba internalizando tais padrões em seu repertório visual.

Em um cenário hipotético, mesmo quando usuários contribuem com novas imagens para treinar ou ajustar modelos, há o risco de reforço desse viés, caso a maioria das imagens geradas siga representações semelhantes. Assim a IA pode reproduzir, e potencializar a centralidade do corpo branco como ideal normativo, retroalimentando sua visibilidade e seu prestígio simbólico. Isso impõe um desafio crítico à governança dos dados sintéticos.

2-Fetichização do corpo branco

A modernidade não pode ser compreendida sem a colonialidade que a funda. A partir da conquista da América, a Europa expandiu seu domínio material e instituiu uma nova racionalidade social fundada em um princípio aparentemente neutro: o conhecimento que, longe de ser universal, carrega uma marca: o eurocentrismo (QUIJANO, 2005, p. 117).

No âmago desse processo esteve a invenção da ideia de raça como tecnologia de dominação: uma codificação das diferenças a partir de uma suposta inferioridade biológica dos conquistados. Essa naturalização da inferioridade foi um expediente ideológico e um princípio organizador das relações de poder globais da colonização (QUIJANO, 2005, p. 117-118).

Ao mesmo tempo, a constituição da Europa como identidade central deu-se por meio da supressão das identidades, saberes e subjetividades dos povos conquistados. A imposição de uma nova ordem epistêmica — a partir da qual o conhecimento europeu se torna critério único de validação — foi acompanhada da repressão das formas autônomas de produção de sentido dos colonizados. Trata-se da colonização das perspectivas cognitivas (QUIJANO, 2005 p. 121).

Este é um fenômeno mais abrangente do que a dominação econômico/territorial. A colonialidade se infiltra nas formas de pensar, de nomear o mundo, de estabelecer critérios de verdade.

O que está em jogo é a própria possibilidade de subjetivação: a racionalidade eurocêntrica operou uma reconfiguração do imaginário e das relações intersubjetivas de forma que os saberes não europeus foram convertidos em folclore, mitologia, ou ignorados.

Esse processo teve consequências. A articulação entre raça e trabalho, uma "nova tecnologia de dominação/exploração" (QUIJANO, 2005, p. 119), revela que capitalismo global se estruturou a partir da racialização da força de trabalho e sobre quais corpos produzem mais valor.

A repressão das formas autônomas de conhecimento, a imposição de identidades geoculturais europeias às populações colonizadas, e a expropriação dos saberes para o desenvolvimento do capitalismo (QUIJANO, 2005, p. 121), configuram os fundamentos da colonialidade do saber.

De forma mais específica sobre a questão racial nas Américas, Franz Fanon tratará da constituição do *desejo colonial* e os efeitos subjetivos da dominação racial moderna. Em *Pele negra, máscaras brancas*, Fanon identifica que, no processo de colonização das Américas e do sujeito negro, instituiu-se uma lógica na qual corpos brancos passaram a ser objetos de desejo, símbolos de beleza, pureza e reconhecimento.

A brancura se torna vetor de valor civilizacional, epistêmico e afetivo. O homem negro colonizado busca, por meio do amor da mulher branca, sua própria legitimação: "Não quero ser reconhecido como negro, e sim como branco. [...] Amando-me ela me prova que sou digno de um amor branco. Sou amado como um branco. [...] Esposo a cultura branca, a beleza branca, a brancura branca" (FANON, 2008, p. 69).

A mulher branca é uma figura da interiorização do desejo como processo de expropriação: "Da parte mais negra de minha alma, através da zona de meias-tintas, me vem este desejo repentino de ser branco. [...] Nestes seios brancos que minhas mãos onipresentes acariciam, é da civilização branca, da dignidade branca que me aproprio" (FANON, 2008, p. 69).

A articulação entre desejo e branquitude fornece um elemento essencial para a leitura das tecnologias de manipulação imagética, como os DN, pois o uso dessas ferramentas de IA, ao expor corpos brancos em imagens falsas de nudez, não os associa à transgressão ou ao escândalo, mas os reconfigura como vítimas.

Assim, o DN reforça o regime de visibilidade racial herdado do colonialismo, no qual o corpo branco mantém sua posição de referência inatingível e que agora é potencialmente atacada.

3-Sacralização e o flagelo epistêmico

Michel Foucault usou o conceito de *episteme* para descrever os regimes de verdade que estruturam o conhecimento e determinam o que é considerado legítimo em diferentes épocas (FOUCAULT, 2000, p. XVIII). Esses regimes organizam o espaço em que os discursos se tornam inteligíveis e produzem a verdade. Logo, a noção de "centralidade epistêmica" (CE) pode ser compreendida como a dominância de um tipo de saber — ou de um grupo social que o detém — sobre os demais, ditando a sua validade.

No campo da IA, essa CE manifesta-se na construção de bancos de dados e modelos algorítmicos baseados majoritariamente em representações de corpos brancos, reforçando uma estética hegemônica racializada. As ciências humanas ocupam uma posição "metaepistemológica", pois não apenas produzem saber, mas também têm a capacidade de refletir sobre os critérios que validam esse saber (FOUCAULT, 2000, p. 490). Essa duplicidade crítica permite compreender como os dados sintéticos utilizados gerados pela IA privilegiem determinados corpos.

O fenômeno dos DN exemplifica essa lógica de exclusão, pois se apoiam em repertórios visuais pré-existentes para criar corpos idealizados. Quando o corpo branco é exposto por essa tecnologia, ele não é o transgressor, mas a vítima, o que o eleva ao status de símbolo universal. Essa condição opera uma inversão de valor moral e político: o corpo branco não só é protegido, como é sacralizado, ocupando uma posição de referência ética. A conclusão e que trata-se de uma nudez sagrada, uma nudez sem culpa, que reforça um modelo de dominação epistêmica e em continuidade com a colonialidade do poder (FANON, 2008, p. 69; QUIJANO, 2005, p. 121).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto é possuir concluir que é necessário perceber a introdução de novas tecnologias de acordo com a histórica do contexto local dos povos colonizados e como o discurso de verdade não é apenas um reflexo da realidade empírica, mas um dispositivo que organiza o que pode ser dito, visto e acreditado (FOUCAULT, 2000, p. 441). Como Foucault aponta, a verdade moderna se constrói em uma tensão entre a observação do vivido e a promessa da revelação total. As táticas discursivas que operam nesse campo não se impõem de forma direta, mas se disseminam de maneira sutil e por vezes opacas dentro de modelos, muitas vezes por meio da estética da neutralidade técnica.

A figura da nudez branca, processada pela IA como dado ideal, remete à alegoria de Prometeu: assim como o titã moldou a humanidade à imagem dos deuses, a IA molda o corpo branco com base em dados digitais, uma “areia que flui”, para produzir uma nudez idealizada, quase como a dos cânones renascentistas, ao mesmo tempo em que gera invisibilização coloniais. Cabe portanto, derivar destas invisibilidades os debates sobre os efeitos desta nova tecnologia.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Câmara dos Deputados. Projeto de Lei n.º 3821/2024. Dispõe sobre o uso da inteligência artificial no Brasil. 2024a. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2461213. Acesso em: 8 abr. 2025.

BRASIL. Senado Federal. Projeto de Lei n.º 370, de 2024. Dispõe sobre o uso da inteligência artificial no Brasil. 2024b. Disponível em: https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/162640. Acesso em: 8 abr. 2025.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

QUIJANO, Aníbal. *Sua racionalidade específica, o eurocentrismo*. In: LANDER, Edgardo (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em: 31 mar. 2025.

MARCILIO, Thiago Gomes. Privacidade: uma abordagem do cuidado de si segundo Michel Foucault. In: PINTO, Danielle Jacon Ayres; ROVER, Aires Jose; RIBEIRO, Carlos Vinícius Alves (org.). Direito, governança e novas tecnologias [recurso eletrônico on-line]. Florianópolis: CONPEDI; UFG; PPGDP, 2019. ISBN 978-85-5505-803-5. Disponível em: https://site.conpedi.org.br/publicacoes/no85g2cd/twsv4bw4/2nJ5CPOVrej68A0A.pdf. Acesso em: 16 mar. 2025.

SEVILLA, J., Besiroglu, T., Cottier, B., You, J., Roldán, E., Villalobos, P., & Erdil, E. (2024). Can AI Scaling Continue Through 2030? Epoch AI. Disponível em: https://epoch.ai/blog/can-ai-scaling-continue-through-2030. Acesso em: 02 mar. 2025.

VILALLOBOS, P., Ho, A., Sevilla, J., Besiroglu, T., Heim, L., & Hobbhahn, M. (2024). Will We Run Out of Data? Limits of LLM Scaling Based on Human-Generated Data. Epoch AI. Disponível em: https://epoch.ai/blog/will-we-run-out-of-data-limits-of-llm-scaling-based-on-human-generated-data. Acesso em: 04 mar. 2025.